

L'ÉPISTOLAIRE EM PAUTA

L'ÉPISTOLAIRE IN QUESTION

Patrícia Regina Cavaleiro Pereira¹(USP)

Resumo: Nas próximas páginas, trago uma breve resenha do livro *Escritas Epistolares*, cujo título original é *L'épistolaire*, escrito por Geneviève Haroche-Bouzinac, publicado pela primeira vez em 1995, pela editora francesa Hachette Supérieur, traduzido para o português e levado a lume pela Editora da Universidade de São Paulo em 2016. Trata-se de obra em que há abordagem profunda de questões relativas ao gênero epistolar, aos fundamentos teóricos e às estratégias interpretativas que o cercam; texto de referência para todos os interessados por epistolografia, em geral, e por estudos ligados a gêneros textuais e à literatura.

Palavras-chave: Epistolografia. Gênero textual. Literatura.

Abstract: *In the following pages, I bring a brief review of the book *Escritas Epistolares*, whose original title is *L'épistolaire*, written by Geneviève Haroche-Bouzinac, first published in 1995, by the French publisher Hachette Supérieur, translated into Portuguese and published by Publisher of the University of São Paulo in 2016. It is a work in which there is an in-depth approach to issues related to the epistolary genre, the theoretical foundations and the interpretive strategies that surround it; reference text for anyone interested in epistolography, in general, and in studies related to textual genres and to literature.*

Keywords: *Epistolography. Textual genre. Literature.*

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas Epistolares*. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

Missivas causam *frisson* por onde passam; nada mais natural, dada a natureza versátil desse tipo de texto, cujas possibilidades de abordagem e inserção são tão vastas quanto os registros de sua presença na história da humanidade, encontrados desde os tempos mais remotos, em absolutamente todas as sociedades.

Independentemente do momento no qual as cartas, verídicas ou ficcionais, de caráter estritamente pessoal ou públicas/panfletárias, estejam inseridas, é possível notar que a missiva desempenha, via de regra, papel de protagonismo em muitas e variadas circunstâncias.

¹ Mestre em Literatura Brasileira. Academicamente, trabalha com epistolografia relacionada ao século XIX.
E-mail: prcpereira@hotmail.com.

Em *Escritas Epistolares*, título em português do livro *L'épistolaire*, de Geneviève Haroche-Bouzinac, a pesquisadora e professora de Literatura Francesa da Universidade de Orléans trouxe ao leitor um precioso conjunto de dados e reflexões concernentes à presença da carta em seus mais variados aspectos.

Em pouco mais de duzentas páginas, Geneviève aborda com densidade o tema proposto, dividindo em doze grandes “capítulos”², subdivididos em tópicos, um livro de linguagem fluida, organizado didaticamente, o que muito contribui para uma leitura saborosa, no qual apresenta, em suas últimas páginas, uma seleção bibliográfica de muita valia a quem pesquisa ou simplesmente se interessa pelo tema.

Ao final de cada “capítulo”, encontram-se textos cuidadosamente selecionados que ilustram bem os pontos iluminados pela autora; questões que vão da análise do híbrido gênero epistolar, considerado frágil e menor diante de outros, ao papel essencial da carta nas trajetórias de construção da obra literária e nos percursos de escritores, passando por apontamentos analisados com profundidade acerca das formas e estruturas epistolares, das dimensões material e social da carta, e por um levantamento histórico dos usos da correspondência, abrangendo considerações de caráter interpretativo, crítico e teórico.

Os exemplos recolhidos provêm da produção epistolar de grandes nomes do circuito intelectual da França, como André Gide, Denis Diderot, Guez de Balzac, Guillaume Apollinaire, Gustave Flaubert, Paul Valéry, René Descartes, Victor Hugo, Voltaire, dentre outros célebres pensadores. E talvez a única observação negativa a respeito da publicação esteja no fato de a autora ter se focado consideravelmente nos usos e práticas epistolares de personalidades francesas; nada, no entanto, que desabone minimamente o livro.

Da profusão e imbricação de temas muito bem alinhavados – fator que contribui para que a extração de dados especiais, que merecem ser salientados, não seja muito simples –, o destaque poderia estar na inusitada apresentação da carta como elemento que estabelece distância e não aproximação entre os correspondentes. “A origem da correspondência é sempre ausência. Uma perífrase a designa: a carta é muitas vezes chamada de ‘consolação dos ausentes’” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.105). No entanto, a ideia com a qual a primeira análise de uma correspondência está habitualmente relacionada não corresponde, usualmente,

² Respectivamente: Introdução; A carta, gênero menor?; Variedade das formas; Dimensão material e social; A herança dos secretários; Tópica e estratégia; Apagar a distância ou manter à distância; O destinatário ideal; Um “espelho da alma”; Da carta à obra; Rumo à ficção; Conclusão.

ao papel efetivo que a troca de cartas pode desempenhar na relação entre destinatário e remetente.

Em uma tradução livre do texto introdutório de um dos livros de Vincent Kaufmann,³ encontramos a seguinte referência à correspondência de escritores: “A carta parece favorecer a comunicação e a proximidade; mas, na realidade, ela desqualifica toda forma de partilha e produz uma distância graças a qual o texto literário pode surgir.” (KAUFMANN, 1990). No sétimo “capítulo” de seu livro, referindo-se ao assunto, Geneviève apresenta um ponto de vista pouco habitual, quebra as expectativas do leitor com a assertiva de que “a carta pode ser um meio de preservar a solidão” e complementa, afirmando que “quem escreve [cartas] o faz também porque deseja continuar sozinho” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.108-109).

Outros pontos que podem surpreender e devem ser destacados surgem na sequência do livro; trata-se de lucubrações relativas ao correspondente ideal, aquele que “não só [...] responde, mas resiste à tentativa de sedução ou persuasão contida em toda carta” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.121), à dramatização epistolar, já que a “carta aparece como teatro, não só na sua forma dialogada, pelas vozes que permite ouvir, como também na encenação de si por si [...]” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.136) e à carta como retrato ou espelho da alma, tendo em vista que a missiva “é uma doação de si através da qual o epistológrafo oferece um modelo de uma intimidade totalmente espiritual” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.147).

Com essas e outras colocações, a autora nos envolve nos meandros das muitas vertentes de exploração da epistolografia, contribuindo para a análise do gênero com um livro básico e essencial aos que se debruçam sobre os estudos de cartas, fazendo o leitor refletir e desvelando as faces diversas de um tipo textual considerado por muitos como secundário e prosaico, mas que há séculos faz parte da nossa história, e assim seguramente permanecerá; segundo Geneviève:

[...] em vez de sempre se atribuir ao telefone, e agora ao *e-mail* ou Skype, o presumido fim da produção epistolar, seria mais proveitoso analisar a gama das possíveis interações, os deslocamentos de conteúdos, as modificações formais da escrita epistolar provocados pela presença dos novos suportes de comunicação. (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.215)

³ KAUFMANN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

A disponibilidade do texto, agora, em bom português, concorre para uma maior difusão do tema e ampliação de sua bibliografia fundamental entre os brasileiros. Que as brevíssimas considerações que ilustram esta resenha levem o leitor a concluir que *Escritas Epistolares* é livro-base que deve e merece ser lido e relido por todos, amantes dos estudos de correspondências e suas muitas e diferentes perspectivas, ou simplesmente de cartas.

Recebido em 28/02/2021

Aprovado em 07/06/2021